

# PROFESSORES, METODOLOGIAS ATIVAS E A EAD: UMA PROPOSTA PRÁTICA DA INVERSÃO DA SALA DE AULA UTILIZANDO A PIRÂMIDE DE WILLIAM GLASSER

UBERABA/MG NOVEMBRO/2020

FILIPO MALUF CAROTENUTO - UNIUBE - filipo.carotenuto@gmail.com  
OTAVIANO JOSÉ PEREIRA - IFTM - otavianopereira@iftm.edu.br

**Tipo:** Investigação Científica (IC)

**Natureza:** Planejamento de Pesquisa

**Categoria:** Conteúdos e Habilidades

**Setor Educacional:** EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA, EDUCAÇÃO SUPERIOR

## RESUMO

*NESTE ESTUDO, PROPÕE-SE UMA ATIVIDADE BASEADA NA SALA DE AULA INVERTIDA, A PARTIR DE UMA LEITURA CRÍTICO-AVALIATIVA DA PIRÂMIDE DE WILLIAM GLASSER. TRATA-SE DE UM PROCESSO QUE SE INICIA MUITO ANTES ONDE DA APLICAÇÃO EM SI DA PROPOSTA DE ATIVIDADE JUNTOS AOS ALUNOS, QUE PARTE DE UMA COMPREENSÃO INICIAL DO DOCENTE SOBRE A LÓGICA DO CHAMADO "ENSINO INVERTIDO" CONSIDERANDO SOBRETUDO A APRENDIZAGEM ENQUANTO ASSIMILAÇÃO DE CONTEÚDO.*

*NO CAMPO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, FOCO DO PRESENTE ESTUDO, AS METODOLOGIAS ATIVAS SÃO, ALÉM DE UMA "NOVA PEDAGOGIA", A BASE DO FUNCIONAMENTO DESSA MODALIDADE. NESTE CASO, A IDEIA NORTEADORA DO ENSINO INVERTIDO NESSA MODALIDADE É O ALUNO SENTIR-SE PROTAGONISTA DE SUA PRÓPRIA APRENDIZAGEM, QUEBRANDO ASSIM UM VELHO PARADIGMA INSTRUCIONAL, INFORMATIVO, CONTEUDISTA, MEMORIALISTA E "BANCÁRIO" (FREIRE, 1987) DA EDUCAÇÃO EM QUE ELE VEM SE ACOSTUMANDO DESDE A EDUCAÇÃO BÁSICA.*

*E PARA FAZER COM QUE O DOCENTE INCENTIVE O SEU ALUNO, TÉCNICAS E FORMAS DE ATUAÇÃO FRENTE A EDUCAÇÃO SURGEM A CADA DIA. ESTE ARTIGO BUSCA PROPOR UMA ANÁLISE DA PIRÂMIDE DE WILLIAM GLASSER COMO BASE DE UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE PARA UMA SÓLIDA APRENDIZAGEM, FOCANDO O PROCESSO EDUCACIONAL NA RETENÇÃO REAL DO CONHECIMENTO, E NÃO APENAS NA MEMORIZAÇÃO DE CURTO PRAZO.*

**Palavras-chave:** METODOLOGIAS ATIVAS; SALA DE AULA INVERTIDA; PIRÂMIDE DE WILLIAM GLASSER; APRENDIZAGEM.

## INTRODUÇÃO

As metodologias ativas estão presentes na maioria dos eventos ligados à educação nos últimos anos. Congressos, formações docentes, seminários, mesas redondas, enfim, hoje quando se fala e discute educação, é natural que as metodologias ativas assumam papel central em muitos debates.

Qual o real objetivo do uso dessas metodologias? Fazendo um grande esforço para não cairmos na armadilha do modismo que muitas vezes nos deixamos levar pela falsa sensação de "modernidade" e pertencimento, este trabalho tem como premissa, antes de tudo, a educação. Neste caso, tendo em vista a otimização de seu variado processo ensino-aprendizagem, cada vez mais em destaque no contexto de uma crise do paradigma de um ensino meramente instrucional. Por mais que busquemos aqui explorar e propor novos usos e olhares através de novas correntes pedagógicas, é fundamental não renunciarmos ao aprendizado do aluno, que sempre deve ser o foco de todo processo educacional - ideia mestra que, desde o movimento escolanovista de fins do século XIX, - e no Brasil a partir dos anos de 1930 - inspirou o "disparo" de metodologias ativas no mundo todo.

O antropólogo e educador Carlos Rodrigues Brandão, um crítico atento aos movimentos emancipatórios no campo dos processos educacionais dos mais diversos, nos auxilia:

*"O homem que transforma, com o trabalho e a consciência, partes da natureza em invenções de sua cultura, aprendeu com o tempo a transformar partes das trocas feitas no interior desta cultura em situações sociais de aprender-ensinar-e-aprender: em educação". (BRANDÃO, 2013, p. 6)*

Mantendo esse pensamento como norte dos objetivos deste artigo, é importante entender também que "é preciso fazer com que o educando se dê conta de seu próprio processo de conscientização, haja vista que ninguém é sujeito da educação de ninguém, a não ser de si mesmo". (MACIEL, 2011, p. 14)

O pensamento de Maciel nos conecta diretamente com a premissa das metodologias ativas, que reconhecem o aluno num patamar de protagonista de sua própria aprendizagem.

Tais metodologias têm uma proposta bem clara na sua base, e é importante destacar que o termo é utilizado no plural, porque de fato são um conjunto de metodologias que carregam na sua premissa a mesma ideia, o que leva a serem agrupadas dessa maneira. Então para uma metodologia ser considerada ativa, independentemente da sua técnica, formato, aplicação ou método, ela precisa visar a participação ativa dos discentes. Para Bacich e Moran (2018) "metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida".

Ao nos aproximarmos deste conceito, é necessário desfragmentar e entender quais são de fato essas metodologias. Muitas já foram estabelecidas, estudadas, testadas e têm conceitos de aplicação muito bem definidos e validados. É claro também que sempre há a possibilidade de

adaptar quaisquer dessas metodologias a uma realidade que se faça necessária. E de fato precisa ser feito dessa forma, pois tanto a educação a distância como as metodologias ativas buscam, em última instância, a aprendizagem moldada à realidade do aluno, e é exatamente por esse preceito que ambas têm que ser adaptadas para que a educação atenda à particularidade de cada estudante. Dialogando exatamente com esse raciocínio Litto (2010) entende que uma determinada metodologia de ensino serve para uns, mas não para outros, e por isso uma das metas da aprendizagem de hoje é que ela seja “sob medida” e mais adequada possível para cada aprendiz.

Sustentado pelo conceito dos métodos ativos na educação, este artigo faz um aprofundamento e uma proposta dentro da metodologia conhecida como "sala de aula invertida". Trata-se de uma das metodologias ativas nomeada por J. Wesley BAKER em 1998 como *Flipped Classroom*, mas que ganha forma através dos professores norte-americanos Jonathan Bergmann e Aaron Sams, nos anos letivos de 2007-2008. Assim sendo, decidiram gravar todas as suas aulas e propor aos alunos que as assistissem como dever de casa, e passaram a usar o tempo de aula para tirar dúvidas, praticar e exercitar o conteúdo aprendido através dos vídeos estudados em casa.

*“A aprendizagem invertida é uma abordagem pedagógica na qual a instrução direta se desloca do espaço de aprendizagem em grupo para o espaço de aprendizagem individual, e o espaço de grupo resultante é transformado em um ambiente de aprendizagem dinâmico e interativo onde o educador orienta os alunos à medida que aplicam conceitos e se envolvem criativamente no que importa”. (FLN, 2014, p.1)*

Em posse dessas informações, foi possível notar como o foco transfere do professor para o aluno. Tão importante quanto trabalhar metodologias que protagonizem o discente na sua aprendizagem, é entender como ele aprende, de que maneira ele fixa o conteúdo transmitido. Neste estudo propomos então um olhar para essa vertente através da pirâmide de William Glasser, também conhecida como pirâmide da aprendizagem. Através dela analisaremos como o estudante aprende mais e melhor, faremos uma análise do que tem sido mais comumente exigido dele e por fim proporemos uma abordagem para potencializar a retenção real do conteúdo.

Para este artigo, foi realizada uma revisão bibliográfica com o intuito de verificar o que já foi investigado, debatido e estudado sobre os temas propostos, executando uma análise e interpretação dos dados obtidos, articulando tais informações com as teorias pertinentes. E em posse dessas informações, realizamos uma proposta de atividade para a aplicação dos conceitos explorados.

Buscamos uma investigação subjetiva sobre os temas pesquisados, a fim de compreender como e por que as metodologias e as técnicas estudadas poderiam contribuir na educação a distância, através de interpretações dos autores referenciados.

Procuramos explorar e explicar tais teorias na tentativa de aprofundar e entender os fenômenos relacionados à aplicabilidade da sala de aula invertida e da utilização da pirâmide da aprendizagem como base conceitual para uma atividade de estudo e desenvolvimento.

## O PROFESSOR E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Uma importante reflexão que se faz necessária neste momento é sobre a atuação do professor no ensino não-presencial. Para situar o docente no processo educacional não podemos deixar de ressaltar que esse educador cresceu e se desenvolveu em uma época em que a educação a distância ainda não era uma realidade amplamente difundida e já estabelecida como nos tempos de hoje. Isso quer dizer que o docente, ainda enquanto aluno, desde sua educação básica até sua formação, cresceu na modalidade do ensino presencial. A sua atuação na EAD é, antes de tudo, uma quebra de paradigma pessoal. O docente passa a ter a responsabilidade de conduzir a aprendizagem do aluno dentro de um padrão educacional a qual pode ser que ele próprio não esteja familiarizado. Para Litto (2010, p. 41):

*“Muitos educadores ainda não conseguiram soltar os laços nostálgicos com a forma pela qual eles mesmos aprenderam. Tanto no ensino básico quanto no fundamental e no superior, há professores resistentes às novas abordagens, que estão mais alinhadas com o temperamento dos jovens”*

Esse aspecto precisa ser considerado, haja visto que se estamos aqui propondo a utilização de novas metodologias em congruência com conceitos de aprendizagem. De nada adiantaria se o próprio professor, que tem papel fundamental na condução desse processo, não estiver adaptado ele próprio à modalidade do ensino não-presencial.

E ser docente no ensino a distância é entender que não é apenas transpor os moldes como os conteúdos são aplicados no presencial para as TDICs, não é uma simples tradução de mídia ou transposição de conteúdo, é uma mudança de metodologia, de postura, de visão, de abordagem, ou seja, é uma quebra de paradigma da educação.

*“O professor não é mais aquele que apenas ‘entrega informação’ e, ao final, cobra o conteúdo, mas é parceiro do aluno, o coordenador do processo de ensino-aprendizagem. Age como o mais experiente ao estimular, acompanhar, polemizar e auxiliar na formalização dos processos e resultados com os alunos”. (LITTO e FORMIGA, 2012, p. 135)*

O que Litto e Formiga nos mostram acerca da mediação pedagógica para que se permita a estruturação do ensino, é uma atribuição ao docente como um intermediário do conhecimento e não o detentor dele. Coloca o professor como um orientador para um objetivo final, a aprendizagem do aluno.

E é exatamente nessa vertente, transferindo o protagonismo do educador para o educando, que surge a base das metodologias que buscam ativar o aluno na sua educação.

### PRIMEIRAMENTE, “POR QUÊ?”

Ainda que este artigo busque propor uma ação prática apoiada em uma metodologia ativa, uma pergunta importante a se fazer é: por quê?

Na tendência do uso dessas metodologias, o que muitos tem tentando responder é o “como?”. Como se utiliza tal técnica, como abordar uma metodologia, como aplicar aquele método, como

utilizar essa ferramenta. O “como?” sendo a base dos questionamentos das metodologias ativas já subentende que elas deverão ser usadas. Pergunta-se muito “como?” e pouco o “por quê?”.

Por mais interessante que as propostas dessas metodologias soem aos nossos ouvidos, o docente precisa sempre entender o porquê da sua utilização. É necessário saber aonde se quer chegar com uma atividade, qual o objetivo de aprendizagem, qual a necessidade do seu aluno e como ele aprende o conteúdo. Usar metodologias ativas apenas por usar, sem entender seu significado e proposta, pode levar o docente ao erro de aplicar um método ativo que acabe sendo ineficaz dentro da sua proposta. Conhecer seu discente na sua individualidade é fundamental para considerar o emprego de uma metodologia de ensino.

Montar um arsenal de ferramentas e métodos ativos para utilizá-los sem domínio e justificativa, vai reforçar apenas um modismo passageiro de algo que pode ser de fato importante e necessário de fixar-se na pedagogia atual.

Pergunte-se sempre o “por quê”. Quando estiver convicto da resposta, é hora de perguntar-se “como?”.

## **O DOCENTE E AS METODOLOGIAS ATIVAS**

Agora seguro do uso de tais metodologias, conhecer suas variedades e possibilidades de aplicação é fundamental.

Já foi possível notar que qualquer que seja a abordagem metodológica utilizada, desde que seu princípio seja o protagonismo do aluno no processo de aprendizagem, ela pode ser considerada ativa.

*“As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao seu desenvolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando, criando, com orientação do professor”. (BACICH e MORAN, 2018, p. 4)*

Também é necessário reconhecer o importante papel do docente na aplicação dessas metodologias. Mesmo sabendo que o aprendiz assume papel central nessa leitura pedagógica, isso não quer dizer que ele é autossuficiente e independente no processo de aprendizagem. A orientação do professor para guiá-los pelos caminhos dos saberes é fundamental. Não precisa mais manter a imagem de ser o detentor de todo o saber, mas ainda é o guia, o suporte, o orientador que levará o estudante a atingir seu objetivo de estudo. Sem a experiência, conhecimento, didática e sabedoria do professor, é grande a chance da maioria desses aprendizes navegarem a esmo nesse enorme mar de informação e, muitas vezes, de desinformação.

À vista disso, não importa qual seja a modalidade de ensino, a perspectiva metodológica, a corrente pedagógica ou mesmo a teoria de aprendizagem, em todas o professor tem papel fundamental na sua condução.

É importante deixar isso bem claro visto que, dentro das discussões das metodologias ativas, onde se enfatiza sempre o papel central do aluno, não se pode nunca fazer a leitura equivocada de que isso provocaria uma diminuição da importância do docente. Pelo contrário, o professor se torna agora um guia de múltiplos conhecimentos e métodos, tendo que deixar de ser apenas uma fonte de saberes para ir além, onde terá que, progressivamente, entender o estudante na sua particularidade e transformar sua abordagem que antes era única e integral, em uma metodologia personalizada que olha para seus aprendizes de maneira singular.

Segundo Litto (2010, p. 18) “como um único tamanho de sapato não serve para todos, uma determinada abordagem para a aprendizagem pode ser satisfatória para alguns, mas não para outros”. É nesse raciocínio que uma das preocupações das metodologias ativas é exatamente individualizar o aprendizado, dando condições para que todos evoluam dentro do processo e que, como o estudo está focado primeiramente na diligência do estudante, dá ao professor capacidade de acompanhar e avaliar o desenvolvimento do aluno ao decorrer das atividades. O que não acontece com as aulas tradicionais expositivas, onde a mensuração ocorre eventualmente na avaliação, o que dificulta uma ação individualizada e a tempo de corrigir alguma falha de aprendizagem.

A personalização da educação, de acordo com BACICH e MORAN (2018) é:

*“A personalização, do ponto de vista do educador e da escola, é o movimento de ir ao encontro das necessidades e interesses dos estudantes e de ajudá-los a desenvolver todo o seu potencial, motivá-los, engajá-los em projetos significativos, na construção de conhecimentos mais profundos e no desenvolvimento de competências mais amplas.”*

Na busca do protagonismo do discente, na releitura da atuação do docente e na personalização da educação, as metodologias ativas lançam mão cada vez mais de técnicas, métodos e ferramentas para municiar a atividade do educador dentro desse novo cenário que se estabelece. Não é função desse educador conhecer a fundo todas as metodologias ativas existentes, mas explorar o básico de algumas delas, ver as que melhor lhe adequa e aí sim explorá-las mais profundamente para compreender sua verdadeira aplicabilidade, seus métodos e as ferramentas disponíveis para que execute seu ofício da melhor maneira possível. E a partir do domínio de uma ou mais metodologias, o professor passará a ele mesmo adaptá-las para sua realidade, criando sua própria forma de aplicá-las adequando melhor à sua realidade e a de seus alunos.

Entendo que há um sem número de metodologias ativas disponíveis e que a proposta desse trabalho não é trazer um entendimento de cada uma existente, será usado para essa proposta a metodologia ativa da sala de aula invertida, para que seja feito primeiro um entendimento da sua proposta e de como ela se adequa à educação a distância, para em segundo propor uma aplicação prática dessa metodologia.

## **A SALA DE AULA INVERTIDA E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Primeiramente se faz necessário ressaltar que, apesar do foco deste artigo ser explorar o uso de uma abordagem ativa com uma proposta de atividades para a EAD, não podemos deixar de

pontuar a atuação das TDICs (tecnologias digitais de informação e comunicação) no ensino não presencial. Tais tecnologias tem papel fundamental na mediação do conhecimento, sendo uma via de mão dupla nessa comunicação aluno-professor e aluno-instituição. Os habituais AVAs (ambientes virtuais de aprendizagem), estruturados a partir de tais tecnologias, permitem uma troca rápida, organizada e eficiente de conteúdo, atividades e processos avaliativos. Entender essa possibilidade é de suma importância para compreendermos o processo de inversão da sala de aula na educação à distância.

Para fazermos tal relação, se faz necessário alcançar o conceito da sala de aula invertida para, aí sim, entendermos como ela converge com a própria base da educação não presencial.

*A sala de aula invertida é uma modalidade de e-learning na qual o conteúdo e as instruções são estudados on-line antes de o aluno frequentar a sala de aula, que agora passa a ser o local para trabalhar os conteúdos já estudados, realizando atividades práticas como resolução de problemas e projetos, discussão em grupo, laboratórios etc. (VALENTE, 2014, p. 7)*

De uma forma simples e direta, podemos notar que a premissa da inversão da sala de aula relaciona-se diretamente com a base da educação a distância, onde o aluno, sob as orientações do professor, tem a responsabilidade de empreender, sozinho, no seu próprio tempo e espaço, o estudo teórico. Os encontros presenciais se transformam, então, em ambientes para que se possa tirar dúvidas, praticar e exercitar o que foi estudado em casa. É exatamente nessa lógica que funcionam as IES com apoio dos polos locais, que servem de base para esses momentos presenciais.

Entendendo essa relação entre as bases da EAD e da sala de aula invertida, se faz necessário um último conceito para entendermos a atividade proposta por esse artigo.

## **A PIRÂMIDE DE WILLIAM GLASSER**

Antes de buscarmos fundamentação teórica na Pirâmide de William Glasser, é preciso ressaltar que tal conceito não tem fundamentação científica comprovada. Os estudos acerca desta pirâmide, também conhecida como “Pirâmide de Aprendizagem”, muitas vezes se confundem com outro conceito conhecido como “Cone de Edgar Dale” ou “Cone de Aprendizagem”, que também carece de comprovação científica. Fato é que, seja na publicação do livro de Edgar Dale na década de 1940 intitulado *“Audiovisual methods in teaching”* ou citações de que a pirâmide tenha sido proposta pelo psiquiatra americano William Glasser na década de 1960, os números e porcentagens atribuídas às formas de aprendizagem não tem fontes registradas de que tal pesquisa tenha sido realmente realizada, não se sabendo ao certo da onde se originaram tais informações. Segundo Silva e Muzardo (2018) “O cone parece ter sido uma interpretação inadequada do trabalho de Edgar Dale (O CONE, s/d). A pirâmide, por sua vez, ao que tudo indica, é atribuída a William Glasser de modo equivocado”.

Apesar da falta de base científica sólida, inúmeros artigos, dissertações e livros, além de outros sem número de blogs e sites divulgam os dados da Pirâmide como argumento de autoridade. Dito isso, este artigo não tem a pretensão de comprovar ou desmascarar tal conceito. O que foi acima pontuado, é um compromisso de sinceridade com o estudo científico.

A representação da Pirâmide de William Glasser a seguir está propositalmente sem as porcentagens normalmente indicadas nela, para que não se passe a impressão de que o intuito desse artigo seja ratificar um valor que não foi comprovado cientificamente. A nossa intenção é dar conhecimento que dentro do que propõe tal pirâmide, a maior taxa de aprendizagem, em uma leitura crescente do topo para a base, acontece quando uma pessoa ensina a outra sobre algum assunto.



Apesar da não comprovação dessa informação, nós professores, de forma empírica, muitas vezes vivenciamos exatamente essa ideia, de que se aprende muito sobre algo quando é preciso ensinar aos outros. E é pautado por essa ideia, juntamente com os conceitos da sala de aula invertida e da educação a distância que foi construída nossa proposta para este artigo.

### **PROPOSTA DE ATIVIDADE**

Em um exercício de propor práticas para que possamos testar teorias e evoluir o processo de ensino-aprendizagem, a ideia de finalização deste artigo é propor uma atividade que possa ser aplicada por qualquer docente, independente da sua disciplina. A proposta de aplicação foi dividida em sete etapas.

Primeira etapa: escolher o tema do trabalho e os conceitos e teorias a serem estudados.

Segunda etapa: fazer uma seleção e separação de todo material teórico e conceitual necessário para a atividade.

Terceira etapa: definir se o trabalho será individual ou em equipe. É muito importante neste momento o professor mensurar a quantidade de alunos na turma e a quantidade de conceitos e teorias designados.

Quarta etapa: distribuir os assuntos para cada grupo (ou aluno) e disponibilizar o material separado na segunda etapa.

Quinta etapa: essa talvez seja a etapa mais relevante, porque aqui o aluno precisa entender claramente a proposta da atividade. O docente deverá pedir que o aluno (ou a equipe) prepare uma aula sobre o tema distribuído e ministre essa aula para os colegas no encontro presencial.



É de fundamental importância que o estudante entenda que não é uma apresentação comum sobre o assunto, nos moldes de um seminário. É uma aula. Para isso, a aluno deverá lançar mão de dinâmicas e técnicas que façam com que seus colegas aprendam o conteúdo da melhor maneira possível.

Sexta etapa: o discente ou a equipe ministra a aula durante o encontro presencial. O tempo de duração da aula varia de acordo com a quantidade de alunos ou equipes que vão apresentar e pelo tempo de duração do encontro.

Sétima etapa: feedback do professor das aulas ministrada. Essa etapa é fundamental para corrigir eventuais equívocos dos alunos e avaliar a profundidade e eficiência dos discentes na execução da tarefa.

Há uma alternativa para a execução desta atividade, para os casos de cursos que não haja encontros presenciais. Nessa outra opção, a atividade sofre uma alteração a partir da sua quinta etapa.

Quinta etapa: aqui a mudança é na orientação. O aluno deverá que gravar uma videoaula sobre o assunto indicado a ele. Essa aula é importante que seja um vídeo entre 10 e 15 minutos, tempo importante por dois motivos: para não seja uma videoaula muito grande e cansativa, e que não seja tão curta para que o aluno possa desenvolver de maneira satisfatória o conteúdo.

Sexta etapa: compartilhamento dessa aula com os colegas e professor.

Sétima etapa: feedback do professor da videoaula gravada, a fim de corrigir também eventuais equívocos e gerar debate sobre o assunto ministrado. É fundamental também que esse feedback seja em um momento síncrono, para que se aproxime ao máximo do conceito da sala de aula invertida, onde exige o momento presencial para debate, prática e mediação do conteúdo pelo docente.

Com essa atividade, almeja-se que o estudante estude em casa todo o material necessário para sua aula, fazendo com que ele chegue no encontro presencial pronto não apenas para ministrar o seu conteúdo como também discutir e debater sobre ele. Com a mediação do docente em sala, o objetivo é que a proposta da inversão da sala de aula se conclua, e a retenção de conteúdo do aluno seja satisfatória. Nota-se que esta proposta propõe que o próprio aluno ou grupo explore a base da Pirâmide de William Glasser (que é onde acontece a maior retenção de conhecimento: no ENSINAR).

Temos então tudo que este artigo se propõe a trabalhar: uma atividade aplicável a alunos da EaD (com ou sem encontro presencial); a inversão da sala de aula com estudos individuais e aplicação no momento síncrono ou de compartilhamento de resultados; a personalização do ensino com temas diferenciados e feedbacks direcionados do docente; a ativação do estudante na busca do conhecimento; a preparação de uma aula de forma autônoma; e a exploração da Pirâmide de William Glasser como referência na concepção da atividade para uma maior aprendizagem do estudante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No anseio de sempre elevar e construir uma educação cada vez mais pensada no nosso aluno, é fundamental que surjam novas metodologias e ideias para suas aplicações. Com a sugestão da atividade apresentada neste artigo, esperamos que professores tenham alternativas de aprendizagem na educação a distância. Apontando a sinergia entre técnicas, modalidades e metodologias, criamos uma proposta prática de atuação docente que vise um aluno ativo na construção de saberes.

Metodologias ativas têm sido centro de muitos debates educacionais, mas elas só fazem sentido quando são primeiramente internalizadas pelo docente, quebrando seu próprio paradigma de ensino, para aí sim, ao lado do aprendiz, construir juntos um processo educacional efetivo. Pois afinal, não existe educação quando não há aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2013. Disponível em: . Acesso em: 24 abr 2020.

FLIPPED LEARNING NETWORK (FLN). **The four pillars of F-L-I-P**. South Bend, IN: Flipped Learning, 2014. Disponível em: . Acesso em: 21 abr 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

LITTO, Fredric M. **Aprendizagem a distância**. 1 ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. Disponível em: . Acesso em 04 mar 2020.

LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos. **Educação a distância: o estado da arte**, volume 2. 2ª ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MACIEL, Karen. **O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular**. 2011. Disponível em: . Acesso em: 26 abr 2020.

BACICH, Lilian (org.); MORAN, José (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018. 238 p.

SILVA, Fábio Luiz da; MUZARDO, Fabiane Tais. **Pirâmides e cones de aprendizagem: da abstração à hierarquização de estratégias de aprendizagem**. Dialogia, São Paulo, n. 29, p. 169-179, mai./ago. 2018.

VALENTE, J. **Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida**. 2014. 19 f. Disponível em <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000800079&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000800079&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 26 abr 2020